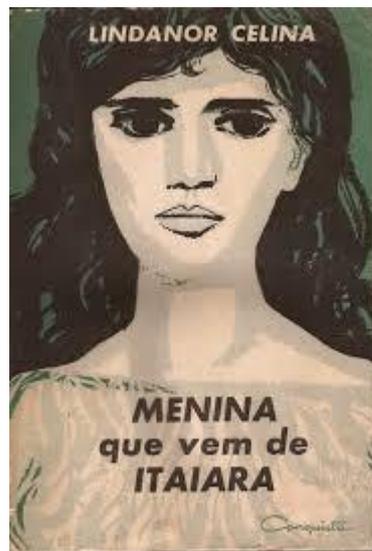


# REVISTA SENTIDOS DA CULTURA



Menina que vem de Itaiara<sup>1</sup>

Lindanor Celina, neste seu primeiro livro, nos fala de uma cidade do interior paraense onde a personagem principal, menina bem levada, viveu e guardou na memória e no coração as imagens da família, da vizinhança, da meninice, dos costumes, um instantâneo de pessoas, bichos e coisas de Itaiara. A cidade é servida por um trem e banhada por um rio aos fundos. Entre este e aquele, vive a menina, os seus sonhos e seus espantos, vagorosamente apreende o mundo, e quer um dia ver Belém, que lhe parece meio incomunicável, meio faz-de-conta.

Cenas e situações do livro mostram a boa observação da autora, o seu cuidado em fixar o que viu, o que amou e desamou. A cidade interessa-nos, de fato; sabermos de seus probleminhas que ali se tornam problemões, saborosos e amargos incidentes de uma comunidade quieta, quieta, muito de dentro de casa. A autora conversa mais que escreve, usando de sua franqueza, ou candura, ao puxar os assuntos, com vivacidade. O

---

<sup>1</sup> **Menina que vem de Itaiara.** Rio de Janeiro: Conquista, 1963

romance foi feito à mesa de jantar, entre atender as crianças e destampar a panela, em manhãs de Belém ou durante a sesta, daí um odor de varanda e caramanchão de almofada de rendas e rede armada debaixo da mangueira, de meninas suadas chegando da escola, que o livro tem.

Estreando com este romance, Lindanor Celina incorpora-se ao pequeno grupo de escritores paraenses que não se desgarram da província e juram amor constante àquelas criaturas e coisas sempre tão ignoradas e remotas, que são o Pará.

Dalcídio Jurandir<sup>2</sup>



Devagar, as Janelas Olham!<sup>3</sup>

Em boa hora a Cejup resolve reeditar *Menina que Vem de Itaiara*, livro de largada de Lindanor Celina no mundo das letras. Escrever, em poucas linhas, sobre este romance, é difícil. Dalcídio Jurandir captou, quando do lançamento da primeira edição, em 1963, tudo o que nele há de mais importante. Faz-se necessário, no entanto, dizer que as pessoas que viam o surgimento desta escritora talvez julgassem ser uma a mais no universo da literatura regionalista do Pará. Felizmente, percebe-se, na trajetória de Lindanor, muito mais. A escritora bragantina resistiu ao assédio das palavras fáceis, esvaziadas de significado, que rimam açai com bacuri, tacacá com mapará etc etc. estamos fartos de regionalice. Aqueles que, em seus textos, optam pela semântica da superfície, esquecem, esquecem que uma narrativa mal arquitetada, de enredo frouxo e

---

<sup>2</sup> É considerado, por vários estudiosos, o maior romancista da Amazônia. Sua obra, constituída de onze livros – dez dos quais sob o Ciclo do extremo Norte – aborda a cultura, a paisagem física, humana e social e a história da vida do povo amazônico.

<sup>3</sup> Prefácio da 3ª edição de **Menina que vem de Itaiara**. Belém: CEJUP, 1996

trama boboca, acabam fazendo azedar misturas exóticas porque as palavras, dessa maneira, ficam órfãs de um significado que as torne universal.

Menina que vem de Itaiara é apenas o início de um projeto estético de Lindanor Celina que deságua em mares diferentes: a crônica e o romance. Estas duas modalidades narrativas encontram na autora abrigo permanente. Quem arriscar-se em dizer que Lindanor é mais romancista que cronista, prova que não se deliciou com Diário da Ilha (talvez o mais belo livro de crônicas escrito por aqui depois de Banho de Cheiro, 1962, de Eneida). Perigoso também afirmar o contrário, pois Eram seis Assinalados está aí para provar as habilidades da escritora. Mas voltemos ao Menina... Trata-se do primeiro volume da trajetória da personagem Irene que, neste livro, desfiará seus dramas da infância e da adolescência. Percebe-se logo na leitura da obra que a trajetória da garota é marcada de uma imensidão de acontecimentos, o que provoca um certo exagero de histórias narradas em primeira pessoa. A narradora-personagem mostra-se uma tagarela aos olhos do leitor. E o leitor, fofoqueiro, acaba por encantar-se dela, pois não há outro caminho. São tantas e tamanhas as micro-narrativas que compõem este livro que acabamos tendo dificuldade em escolher as mais curiosas. Mas a romancista pega-nos mesmo é pela palavra. Sua maneira de narrar é demais semelhante a dos contadores de história. Dalcídio denunciava: "...a escritora conversa mais que escreve." Verdadíssima. Já nas primeiras páginas viramos confidentes de Irene.

A fluência como a narradora-personagem se expõe (expondo também todos os dramas dos habitantes de Itaiara) parece ser a maior virtude desse romance. O mundo itaierense é-nos revelado através do filtro, agudíssimo de Irene, o que nos dá uma mostra, muitas das vezes, a incompatibilidade da protagonista com o provincianismo da pequena cidade do interior paraense.

Sendo este Menina...o romance inicial da escritora, é natural que ela utilize alguns recursos que o tempo cuidará de aprimorar: inconsistência narrativa, não aprofundamento na construção das personagens, entre outros aspectos. Não pense o leitor que por isso não encontrará prazer neste livro. Ele há, e em dose suficiente para que se dê a fruição da leitura.

Irene, nesta narrativa, cumpre um papel que lhe é destinado. Vive seu ritual de passagem da infância para a adolescência. E este ritual faz de Itaiara um local especial, pois nele convivem dores e amores, conquistas e perdas. Itaiara, diferente de Aruanda de Eneida ou de Pasárgada de Bandeira é um mundo onde as delícias e os choques se fazem, tudo para o deleite do leitor, que acaba saindo do texto com mais experiência do que quando nele entrou.

É necessário também dizer que não se deve parar a leitura de Lindanor Celina aqui. Vale completar a trilogia de Irene: Estradas do Tempo-Foi e Eram Seis Assinalados. Apesar de essas obras serem independentes, elas tem um fio que as liga: a experiência de vida de Irene (se o leitor desejar ir além não deixe de degustar-se com o Diário da Ilha, emotivos registros em que a escritora liga gregos e amazônicos, Skyros e Ajuruteua através de crônicas especialíssimas) Esta experiência, já foi dito, precisa ser

cumpliciada pelo leitor, pois, durante a leitura, nossas retinas contemplam Itaiara, retinas que nela penetram e saem meladas das palavras que Lindanor Celina insemina com o objetivo de emprenhar nossos ouvidos. Ou seriam nossos olhos?

Paulo Nunes<sup>4</sup>

Belém, novembro de 1994

---

<sup>4</sup> Doutor em Letras (PUC/2007), Professor titular da Universidade da Amazônia, atua na graduação em Letras, mestrado e doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA.